

COMBATE

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

R.A.S.P.: PORQUE LUTAMOS?



desenho de Topor

De "Soldados em Luta", "Jornal dos soldados em luta no RASP", n. 1, 15 de Outubro de 1975, extraímos o seguinte texto:

Começámos a lutar com um objectivo: abertura do CICAP e a reintegração no quartel de todos os seus militares.

Hoje, uma semana depois, ricos numa experiência extraordinária, fortes numa unidade inquebrantável, o objectivo continua o mesmo e a certeza de o atingir, cada vez mais firme.

Por que lutamos?

O encerramento do CICAP tem de ser visto na sua verdadeira dimensão. As intenções de quem tal ordenou têm de ser denunciadas.

O encerramento do CICAP é o ponto mais alto numa escalada que já expulsou dezenas e dezenas de soldados e militares progressistas das suas unidades nesta Região Militar (mais de 50 militares do RIP, do CICAP, do OG, do CIOE - Lamego, de Braga, de Viana, etc., foram "saneados" dos seus quartéis ou passaram a licença registada).

O encerramento do CICAP é o prolongamento de uma atitude constante dos comandantes e oficiais reaccionários que já demonstraram o desprezo pela opinião e mesmo pela vida dos soldados ao pôr, por exemplo, quartéis de prevenção sem ter ordens para tal (CICAP, RIP, Lamego, Braga, Vila Real), mas com o objectivo de fazer pressões de baixa política.

O encerramento do CICAP é a vontade de esmagar a voz de soldados que lutam e dizem não à disciplina militarista.

Por isso lutar contra o encerramento do CICAP é uma tarefa, é dever de todos os soldados.

Ao fechar o CICAP e ao expulsar os seus militares o Brigadeiro Veloso demonstrou que pretende esmagar todos aqueles que se oponham ao seu objectivo; um exército de disciplina militarista, braço armado da reacção capitalista, tropa de carneiros obedientes. Um exército que controlado e manipulado pelos reaccionários atacaria, cedo ou tarde, os trabalhadores, as organizações dos trabalhadores, as conquistas dos trabalhadores.

De "Soldados em Luta", "Jornal dos soldados em luta no RASP", n. 1, de 15 de Outubro de 1975, extraímos o artigo seguinte:

O CICAP tinha-se tornado baluarte da reacção na região militar do Norte. Todas as nossas justas conquistas tinham sido neutralizadas. Simultaneamente surge a implantação

O CICAP tinha-se tornado baluarte da reacção na Região Militar do Norte. Todas as nossas justas conquistas tinham sido neutralizadas. Simultaneamente surge a implantação implacável do militarismo exacerbado, imbuído do mais alto desprezo pela pessoa humana. Nos fins de Julho três camaradas foram saneados. Vem o mês de Agosto em que quase todo o pessoal vai para férias. O diabo ficou a solta naquele mês de Agosto. Oficiais e sargentos reaccionários faziam reuniões clandestinas, constantemente. Nessas reuniões, sem consultar os órgãos demo-

HISTÓRIA DA LUTA NO C.I.C.A.P.

críticos da vontade dos soldados, resolvem mandar à assembleia do exército o cap. P. Morais, spinolista, chegado dias antes à Unidade. Com este veio também o cap. Loureiro, ex-activista da Mocidade Portuguesa. Não tardaram as ameaças de saneamento a militares progressistas. Passados dois dias, às duas da manhã, é desmascarado o desvio de armas. Na altura interrogámos o quarteleiro e apurámos ser responsável o primeiro sarg. Barnabé (ex-candidato à Pide, como ele se gabava); soubemos então que nem todos os oficiais de dia podiam levantar armas, mas que por outro lado dez primeiros sargentos o podiam fazer a qualquer hora da noite.

Com a chegada da recruta tornou-se mais forte a nossa capacidade de resposta. Não mais podiam continuar no escuro as manobras reaccionárias.

Anunciou-se a manifestação convocada pelos SUV. O Comando da Unidade faz toda a espécie de boicote e ameaças tentando impedir que nela participemos. Mesmo assim, nós, soldados do CICAP, estivemos presentes em grande número.

No dia seguinte, 11 de Setembro, fizemos na parada do quartel um minuto de silêncio em solidariedade com a luta do povo chileno. No minuto imediato a Parada é psada de inquisidores a apurar "responsabilidades" e a intimidar-nos.

A comida tornava-se gradualmente intragável e no dia 15 fizemos levantamento de rancho. A preocupação primeira não foi melhorar a comida, foi arranjá-la uma vítima. Acusado de instigador, é expulso um asp. miliciano.

Opusemo-nos firmemente ao saneamento e gritámos na Parada: Reaccionários fora dos Quartéis.

Não se fez esperar a tentativa de novos saneamentos, agora sob a capa legalista, através do Chefe EM - RMN, saneamentos mais sutis mas não menos ardilosos. O saneamento de dois oficiais milicianos. Nós dissemos: Basta! Nesse dia à noite reunimos e decidimos exigir no dia seguinte uma explicação dos saneamentos em Assembleia de Unidade. Esta assembleia sofreu boicotes de toda a ordem mas, ao fim de cinco horas conseguimos fazer a votação sobre os saneamentos dos nossos camaradas. O resultado foi trezentos e doze (312) votos a favor da permanência, 6 abstenções e nenhum voto contra. À porta de Armas centenas de populares vigilantes, que aguardavam a deliberação da assembleia, receberam entusiasticamente a nossa vitória.

Foi na noite desse dia, quando na Unidade se encontrava pouco mais do que o pessoal da guarneição, que o assalto à Unidade se deu. Foi um assalto à vontade democrática expressa em assembleia. Foi um assalto à boa maneira fascista onde não faltou cúmplices (sarg. e oficiais do quadro) e onde não faltou tração.

(continua na p. 2)